

Senhor Segundamão*

MANOHAR SHETTY

Quando Cajetan Xavier trocou sua Vespa de dez anos por um Maruti 800 de dez anos, os outros residentes do condomínio St. Jerome em Dona Paula não ficaram nada surpresos. A estrutura seca de Cajetan subindo a encosta íngreme em frente ao National Institute of Oceanography ou atravessando as ruelas de Panjim em forma de cerqueira, sua Vespa já desgastada trepidando, era uma visão familiar. Em seu condomínio era uma figura bem conhecida por remendar a sua velha Vespa, injetando nela mais alguns meses de força vital na sua improvisada garagem cheia de entulhos, ou por subir a ladeira da sua casa com o piso da Vespa, a garupa e o guidão carregados de sacolas com as provisões semanais. Ao passar por ele, os outros residentes, nos seus espalhafatosos carros de luxo, perguntavam por gestos se ele necessitava de alguma ajuda com a sua carga, mas Caji era um tipo independente e simplesmente acenava para que seguissem. Agora estavam contentes e aliviados por vê-lo na relativa segurança de seu carro. Um carro em segunda mão, sem dúvida, mas mesmo assim mais seguro que aquela velha rodada Vespa.

Um solteirão de sessenta anos, Caji adorava mais que tudo ficar fuçando naquela garagem e arrumando seu pequeno bangaló, que comprara há uns vinte anos de um casal que migrara para Abu Dhabi. Era visto constantemente dentro e fora dele, dando uma demão de tinta nas paredes externas ou martelando numa peça ou outra de mobília que estava consertando. Vinte anos atrás, Cajetan aposentara-se antecipadamente como vice-diretor de uma escola portuguesa na Beira, em Moçambique, e retornara a sua terra. O que não era comum para um goês, não

* Traduzido do inglês por Paul Melo e Castro e Hélder Garmes.

tinha parentes próximos no seu lugar de origem. Os seus antepassados vinham da aldeia de Chinchinim em Salcete mas mesmo lá só tinha uns primos afastados de segundo ou terceiro grau, com os quais havia perdido todo contato.

A Cajetan bastava a sua vida solitária em St. Jerome em companhia de alguns daguerreótipos com seus ancestrais de fraques, chapéus e bigodes grisalhos nas paredes de sua sala de jantar. Não contratava faxineiras, fazia sua comida frugal, varria e esfregava seu próprio assoalho, depositava o lixo nos contentores verdes e negros disponibilizados pelo município de Panjim. Ele assistia regularmente à missa dominical na capela mais próxima, vestido de seu terno cinza, camisa bege, gravata listrada, e sapatos precisando de graxa – em todos os anos que ele ia a missa naquela capela nunca mudou a sua aparência. Os outros residentes do condomínio St. Jerome, que não se surpreenderam nada quando comprou o carro em segunda mão, perguntavam-se se ele possuía outro terno, camisa e gravata.

Nas suas costas, trocavam comentários maldosos. Sobre sua última aquisição, alguém disse:

“Talvez o governo em Lisboa tenha dobrado sua aposentadoria.”

“Finalmente eu acho que mexeu na sua poupança... Que mão-de-vaca!”, disse outro.

“Por que ele não compra uma coisa nova para variar? Ainda que a prestações”, disse seu vizinho de lado Hector Gonsalves.

Esse último comentário, apesar do tom irritado, era o mais pertinente. Desde que Cajetan se instalou no condomínio há todos estes anos, nunca nenhum dos residentes se lembrava de o ver comprar algo novo. Sua compra do Maruti em segunda mão depois da venda da Vespa em segunda mão seguira um padrão fixo. Seus vizinhos sabiam que toda a mobília da sua casa tinha sido comprada em segunda mão, algumas do antigo dono da casa e outras de famílias que migraram para o Oriente Médio ou para o Canadá. Até os ventiladores, a geladeira, o fogão a gás e o liquidificador tinham sido comprados de terceiros. Havia boatos no condomínio de que mesmo as roupas, incluindo os sapatos e terno domingueiros, haviam sido comprados de segunda mão no Chor Bazaar de Bombaim. Ninguém tinha certeza quanto a origem da sua louça e talheres. Alguns dos residentes estavam mesmo convencidos de que todos tinham sido legados para ele por algumas famílias caridosas da Beira. Para ser justo para com os *Jeromites* (como os condôminos se autointitulavam), eles acertaram na mosca quanto a serem objetos usados os seus pertences e a seu cognome de “Senhor Segundamão”.

De fato, Cajetan tinha uma queda compulsiva por coisas usadas. Mas não era uma idiossincrasia nascida de sovínice ou necessidade financeira. Caji simplesmente gostava de coisas antigas e não conseguia descartar coisas usadas. Tinha muito jeito com tudo o que era descartado, especialmente maquinarias velhas. Com um toque habilidoso de suas mãos e uma reserva de paciência, ele conseguia injetar vida nova em um ventilador, ar-condicionado ou carburador descartados. Cajetan detestava jogar fora velharias e sua garagem improvisada e seu quintal estavam apinhados com peças enferrujadas de todo tipo de máquinas domésticas e automotoras. Aliás, em Moçambique ele ganhara uma certa reputação de fazer milagres com caminhões e carros, máquinas agrícolas, bombas d'água e outras tais geringonças. Na escola onde ele dera aulas era muito conhecido por consertar velhos equipamentos e máquinas de laboratório e as bicicletas dos seus numerosos estudantes.

Por sinal, foi esse talento particular de fazer ressuscitar maquinários que o obrigara a fugir do país. Nos muitos conflitos fratricidas que assolaram Moçambique, os serviços de Caji foram frequentemente solicitados para reparar armas enferrujadas e encravadas e veículos quase militares. Caji era um homem de paz, neutro como Berna nas suas opiniões políticas, mas os seus préstimos e talentos foram apropriados à força pelas duas frentes em combate. Foi esta situação de dois gumes em que ele se encontrou que finalmente o compeliu a deixar Moçambique. Ele tentara ser imparcial em seus serviços forçados, mas em tempos de conflito isso se revelara ser a mais ingrata posição possível. Deste modo ele relutantemente abandonou o país e a sua vocação. Mas, em troca por seus muitos anos de serviço, o governo português ainda o enviava a sua aposentadoria mensal. E chegou a Goa com seu talento de consertar máquinas velhas e outros bens intactos. Quando os condôminos de Saint Jerome o procuravam com centrífugas ou ventiladores portáteis com problemas, Cajetan estava sempre disposto a dar uma mãozinha. E como nunca cobrava por seus serviços havia uma atitude pouco generosa e algo mesquinha em o apelidarem de “Senhor Segundamão”.

Caji agora disfrutava do conforto do seu velho carro. Com as suas mãos destras e versáteis, ele havia aprimorado o motor, trocado as lâmpadas dos faróis, e alinhado as pastilhas do freio e costurado um rasgão no banco traseiro. Ele amara a sua fiel Vespa, mas se vira forçado a desfazer-se dela não porque esta se tornara pouco confiável ou obsoleta, mas por causa de um novo status que recentemente adquirira – ou estava prestes a adquirir. As suas roupas, embora velhas e gastas,

estavam agora sempre frescas, lavadas e passadas. E ultimamente seus sapatos tinham adquirido um novo brilho. Não que Caji fosse desleixado ou mal-vestido no passado, era só agora que tomava cuidados extras com o seu jeito e aparência geral. Mesmo o Maruti 800 adquirira uma nova camada brilhante de tinta amarela, arranjada sem dúvida a partir das sobras de donos simpáticos de mecânicas e de oficinas especializadas em Marutis, mas que nas suas habilidosas mãos ainda foi capaz de cobrir a totalidade do seu automóvel. Só uns poucos, como a fofqueira Isobel Cotta, que picava como uma folha de pinheiro, notaram a mudança na postura e comportamento geral de Caji.

“Esse Caji, aí tem coisa”, disse ela numa voz ácida e adstringente feito caju. “Até me sorriu e me deu bom dia.”

“Talvez tenha recebido um bônus de natal. É por isso que pôde comprar aquele carro”, disse sua amiga Lavina, uma funcionária aposentada do Cooperative Bank of Mapusa.

“Para mim, ele parece exatamente o mesmo”, disse Winston Dourado, que vendia apólices de seguros de vida. “Ainda paga seus prêmios em dia.”

“Definitivamente, aí tem coisa”, repetiu Isobel.

Passadas duas semanas, o aí tem coisa tomou um rumo claro e impressionante. O condomínio inteiro estava curiosíssimo, com um arrepio de excitação, quando cada um dos residentes encontrou um convite nas suas caixas de correio. O cartão, com sinos prateados em relevo nos quatro cantos, dizia simplesmente:

John e Joanna Pacheco têm o prazer de convidá-los

para as Núpicas de sua filha

Christobel com Cajetan Xavier

Filho de falecido Martin e falecida Belinda Xavier (Chinchinim)

a 25 de Janeiro

Na Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Praça Municipal, Panjim

às 17h30

Seguida de Cocktails e Jantar no Taj Holiday Village, Candolim

às 20h30

Sem presentes, por gentileza

Embora impressionados com o local da recepção e o tom polido do convite, as primeiras perguntas dos estupefatos condôminos de St. Jerome foram obviamente

te quem é Christobel Pacheco? e quantos anos ela tem? Queriam saber se ela era filha dos Pachecos da aldeia de Betalbatim, que eram donos da *Pacheco Wines and Spirits* no *tintó*. Ou seria ela dos Pachecos de Rivona que recentemente migraram para Portugal? Mesmo usando toda a sua rede de contatos, cruzando todos os dados, e aproveitando suas conexões na Igreja, os *Jeromites* não conseguiam descobrir a procedência da noiva. Até uma noite quando Isobel e Lavina, armadas de flores e uma garrafa de vinho, bateram na porta de Cajetan. Ele as recebeu amavelmente e as convidou para se sentarem na sua reformada namoradeira entalhada – ao menos era isso que Isobel imaginava que fosse.

Após darem os parabéns e fazerem algumas alusões canhestras, Caji se abriu um pouco. Contou-lhe que os Pachecos eram velhos amigos de colegas de trabalho em Moçambique. Christobel tinha sido professora primária exatamente na mesma escola em que ele tinha ensinado por muitos anos na Beira. As duas senhoras disseram a Caji o quanto essa tardia união de duas almas apaixonadas as empolgava, ao que Lavina interveio com um comentário um tanto grosseiro: “Antes tarde do que nunca”. Na sua franca felicidade, Cajetan pareceu não se dar conta do comentário e até deixou escapar aquilo que elas queriam ouvir: “Ela tem 52, oito anos mais nova do que eu...”. Depois que a dupla saiu com a preciosa novidade, Isobel observou: “52? O Sr. Segundamão vai se casar com a Srta. Segundamão”.

Essa piada tão previsível se alastrou como queimada no verão entre os *Jeromites*, e era complementada pela mais generosa “Toda panela tem sua tampa”. Outro elogio para a “noiva outonal” era “panela velha é que faz comida boa”. Outro se perguntava de forma mais maldosa se “Caji iria conseguir não deixar a peteca cair”, mas, conhecendo a disposição frugal de Caji, todos concordavam que esse casamento não seria nada luxuoso. Nisso, todos estavam enganados.

No dia da cerimônia, entre os homens mais velhos, os educados votos de felicidade se transformaram em inveja quando viram Christobel. Alta e elegante, com um cabelo escuro e lustroso, ela sorria timidamente, acompanhando Caji, que vestia um terno transpassado novinho em folha, colete, gravata nova em folha e novíssimos sapatos, caminhando pelo centro da igreja de Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Panjim. E a recepção que se seguiu em um hotel cinco estrelas foi verdadeiramente grandiosa, com um espetáculo de fogos de artifício que durou seis minutos e um suntuoso jantar. E uma muita animada e agradável marcha nupcial, com o pai da noiva fazendo um brinde comovente e bem humorado,

com comentários como “envelhecidos uísques, finos e amaciados” e “a sabedoria que vem com a idade”.

A noiva, por sua vez, estava muito graciosa, circulando discretamente entre os convidados, falando com aqueles que conheciam o português de forma tão refinada e eloquente quanto qualquer um deles. Alguns, claro está, se acomodavam pelos cantos com os seus maridos obesos e entediados, comentando a pele clara dela e se perguntando se ela teria algum sangue português. O fato de essa suposição ser completamente falsa não impediu que Isobel fizesse um ácido comentário sobre os “libidinosos” oficiais portugueses servindo em Maputo e na Beira.

Essas desagradáveis observações e a inveja desses casais em decadência não teve efeito sobre os recém-casados. Assim que se instalaram no bangalô de Caji, Christobel pôs-se a trabalhar. Limpou o jardim de ervas daninhas, mandou pintar o interior da casa, comprou alguns equipamentos para a cozinha (novinhos em folha), impôs uma espécie de ordem na garagem-lixão e com bastante facilidade convenceu seu marido a dar entrada em um novo carro da Maruti, a partir de um substancial empréstimo de seus pais. E embora sem a sua maquilhagem de noiva Christobel parecesse mais a sua idade, tinha em cada gesto uma energia desenfreada. Ela tagarelava com seus vizinhos e mantinha relações cordiais com os outros *Jeromites*. Havia boatos de que ela tivesse sido casada anteriormente e que seu primeiro marido tinha desaparecido numa das numerosas guerras civis que arrasaram Moçambique, reforçando a piada sobre Senhor Segundamão e sua esposa de segunda mão.

Mas Caji sabia que não era assim. Os portugueses, apesar de todos seus defeitos, eram mestres em registros. Registros de nascimentos, mortes e estados civis. E Caji ainda mantinha contatos com a Igreja e os velhos amigos no cartório da Beira.... Mas em sua nova e profunda felicidade os recém-casados não perdiam nem tempo – nem seu mútuo desejo – com fofocas infundadas e histórias passadas. Aliás, eram como nervosos adolescentes que, com risinhos, exploravam um território desconhecido. Sua concupiscência inexperiente alcançava a parte mais profunda e terna de si mesmos. E Caji sendo Caji, ele comia os restos do prato de Christobel e adorava o gosto de sorvete derretido em sua língua.

FIM